

ESCREVIVER*

Francisco José Bezerra Santos
UNIFOR

RESUMO

A partir da relação contingente entre a Psicanálise e a Literatura, o escrito procura articular a leitura da fala do analisante como texto e a textualidade de Maria Gabriela Llansol.

PALAVRAS-CHAVE

escritura, letra, psicanálise, real

“O texto da nossa experiência”.¹ Muitos anos antes de pensar mais além da Literatura e do escrito, quando destacaria as referências à escritura e à letra – inventando o significante “litureterra” –, Lacan apontava o que há de texto na experiência da análise: a fala do analisante, a escuta do analista, o que se decanta na transmissão impossível da Psicanálise e pode ser retornado à comunidade dos analistas.

A fala do analisante, como um texto, articula-se à concepção de uma prática da leitura deste texto pelo analista. O que ele poderia saber deste? Já no início de seu ensino, Lacan advertia aos analistas para que não compreendessem rápido demais,² que escutassem a fala dos analisantes e marcassem as pulsações do inconsciente. O corte da sessão, a interrupção do fluxo do texto, não deve ser realizado em função de um tempo pré-marcado, mas da possibilidade de manter o inconsciente “em aberto”, pulsando, ensejando a continuidade do trabalho no tempo além da sessão de análise, pois a transferência permanece.

Tomar o dispositivo analítico, e pensá-lo a partir dessas referências de texto e leitura, decorre certamente das relações que a Psicanálise mantém com a Literatura – lembrando apenas que nem todo texto é literário, embora a recíproca não seja verdadeira. Não é raro, entre os analistas, a idéia de que haja uma relação “natural”, por assim dizer, entre a Literatura e a práxis do inconsciente. Com Freud, encontramos os seus trabalhos a respeito da *Gradiva*, de Jensen, as alusões ao *Hamlet*, de Shakespeare, e aos *Irmãos Karamazovi*, de Dostoiévski. O inventor da Psicanálise dizia que os escritores avançam naquilo que só

* Texto apresentado no I Colóquio LIPSI: Literatura e Psicanálise: o E da questão, realizado nos dias 6-7/9/2003.

¹ LACAN. A coisa freudiana, p. 436.

² LACAN. A coisa freudiana, p. 115.

“(…) *cuidem principalmente de não compreender o doente (...)*”.

depois os analistas poderão descobrir.³ Não deixa de ser uma opinião também compartilhada por Lacan, dita mais claramente em relação a Marguerite Duras.⁴

A concepção freudiana de tomar o texto literário como efeito do inconsciente do autor, assim como a obra escrita como uma ilustração psicanalítica, é bem conhecida.⁵ Lacan, numa posição muito crítica quanto às chamadas psicobiografias – as tentativas de se explicar a obra pelo autor e vice-versa – toma outra posição: o privilégio do texto. Apenas sobre este o analista deve debruçar-se.⁶

Assim, voltando ao comentário inicial a respeito da leitura pelo analista do texto do analisante, lembraria que a ressalva necessária a toda analogia tem de ser feita: o analista não lê como um sujeito-leitor. O lugar do analista, a função do desejo do analista operando, não admite a presença do eu ou do sujeito neste lugar, pois a admissão deste, no dispositivo, apenas dificultará a produção deste texto. Por outro lado, exterior ao dispositivo analítico, Lacan sugere que o sujeito, ao ler um texto, deposite algo de si⁷ nessa leitura, deixando-se afetar por ele e observando os efeitos que advirão. Solidariamente a esta idéia, ele dirá também que comentar um texto é como fazer análise.⁸ Sublinho o como, pois, evidentemente, escrever ou ler não é da ordem do que se entende da Psicanálise em intenção, podendo tais práticas serem um exercício da Psicanálise em extensão.

À medida que Lacan, em seu ensino, a partir de certo tempo que poderia ser demarcado no início dos anos 70, percorre o nó borromeu, a dimensão do real adquire progressiva importância no seu trabalho, o que não significa excluir as dimensões imaginária e simbólica. Os significantes letra, escritura, real, vão se tornando mais incidentes. O avanço na concepção do que seria o final de análise – produzir um analista?

³ FREUD. *O delírio e os sonhos na Gradiva de W Jensen*. Obras Completas, p. 1306.

“(…) todos os poetas dignos de tal nome (...) consideraram como sua verdadeira missão a descrição da vida psíquica dos homens, chegando a ser, não poucas vezes, precursores da ciência (...)”.

⁴ LACAN. *Homenagem a Marguerite Duras*. Outros Escritos, p. 200.

“(…) a única vantagem que um psicanalista tem o direito de tirar de sua posição, sendo-lhe esta reconhecida como tal, é a de se lembrar, com Freud, que em sua matéria o artista sempre o precede (...)”.

⁵ GODIN. Notas acerca da leitura de um texto literário no discurso analítico, p. 93-100.

O exemplo mais típico desta concepção, que foi levada a extremos pelos pós-freudianos, é aquele apresentado por Freud em relação à *Gradiva*. Jean Guy Godin, pensando a relação entre a Psicanálise e a Literatura, afirma ser pertinente “*distinguir uma leitura situada no discurso analítico, de uma leitura crítica instalada no discurso universitário*”. A primeira posição implica investigar o que “*o texto literário ensina à Psicanálise*”, enquanto o segundo o toma como “*matéria de ilustração para a Psicanálise*”. Ver nota 35.

⁶ Idem, p. 98.

Da mesma maneira que numa análise só temos que operar com o que o paciente diz – e que podemos ser entravados por um saber que vem de outra boca – diante de um texto, só temos que operar com o que o autor escreve. A razão do texto encontra-se no próprio texto”.

⁷ LACAN. Escritos, p. 11.

“Queremos, com o percurso de que estes textos são os marcos e com o estilo que seu endereçamento impõe, levar o leitor a uma consequência em que ele precise colocar algo de si”.

⁸ LACAN. Os escritos técnicos de Freud, p. 90.

“Comentar um texto é como fazer uma análise”.

um escritor?⁹ alguma outra invenção sinthomática? – corre paralelamente ao seu trabalho com os textos de Joyce e a noção de sua escritura de apresentar um valor sinthomático,¹⁰ de tentativa de manter, por meio dessa suplência ao nó, os três registros enodados (ainda que, no caso de Joyce, não necessariamente ao modo borromeu).

Neste ponto, podemos voltar à questão de uma “relação natural” entre Psicanálise e Literatura. Com Lacan, não é qualquer texto que se presta a uma indesejada “ilustração” ou, muito menos, ao que seria uma mostração do real. Com ele, o escrito literário é tomado mais como manifestação da ordem do sinthoma do que do inconsciente do autor, como Freud acreditava. Escrever o nó, como Lacan o faz no caso de Joyce, significa assinalar a função que tal escritura teria valido para esse sujeito.

A partir deste ponto, bem como das noções que marcam uma diferença entre a série letra/escritura/não-sentido/real e impresso/escrito/sentido/simbólico,¹¹ a naturalidade da relação está perdida. Não se trata mais de uma relação necessária e, sim, de uma relação contingente,¹² a que existe entre a Psicanálise e a Literatura

Ao tentar um percurso no litoral riscado pela letra entre o saber e o gozo, o analista, que é afetado pelo texto literário, procurará assinalar na obra os momentos que apontam para um modo particular de a-bordar o real, o que “*não pára de não-se-escrever*”.¹³ Não interessa o autor, mas o trabalho de teia que ele realiza como a aranha de Spinoza: o fio que ela produz, o texto resultante, indica o Real sendo acedido pelo Simbólico.¹⁴

Não sendo qualquer texto, alguns são escolhidos. Acredito que um analista, ao tomá-lo para trabalhar, o faz porque “lê” uma possibilidade inédita de mostração de litoral, de conseguir destacar do texto os fragmentos que indicam a invenção, tocando, via texto, o real do sexo e da morte. Em textos-limite, a exemplo de *Finnegans wake*, pode se encontrar a ossatura do

⁹ QUEIROZ. O pacto analítico e seu desenlace, p. 221-228.

“A este saber-fazer ali (*savoir y faire avec*), de forma particular, Lacan designou a identificação do sujeito com seu sinthoma, o qual poderia assumir, inclusive em alguns casos, um caráter de invenção, levando o sujeito a tornar-se analista, artista ou qualquer outra coisa pela qual ele venha se autorizar, inventando respostas que confirmam valor ou paguem o preço de suportar a vida”.

¹⁰ LACAN. *Le sinthome*. Inédito. Versão da Association Freudienne.

“(…) o sinthoma (...) qualquer coisa que permite ao Simbólico, ao Imaginário e ao Real permanecerem juntos” (aula em 17.02.1976, p. 103); “Joyce (...) fez o sinthoma” (aula em 09.09.1976, p. 226).

¹¹ LACAN. “De um discurso que não seria do semblante”. Inédito, p. 118.

“A escrita não é a impressão” (aula em 12.05.1971, p.114); “A escrita, a letra é no real, e o significante no simbólico”.

¹² COUTINHO. Literatura e Psicanálise: uma relação de contingência. Texto apresentado na Escola Letra Freudiana (RJ).

“O que proponho como hipótese é pensar a relação entre Literatura e Psicanálise segundo a modalidade da contingência. Na lógica clássica, modalidade é a característica de certas proposições ou juízos que determina o modo pelo qual se atribui um predicado a um sujeito (...). Sobre a contingência, Aristóteles dirá que provém dos acidentes (...).”

¹³ LACAN. *Mais, ainda*, p. 127.

“O não pára de não se escrever é o impossível (...)”.

¹⁴ LACAN. *Mais, ainda*, p. 126.

“(…) esse trabalho do texto que sai do ventre da aranha, sua teia (...) desenhar-se o traço desses escritos (...) o real acedendo ao simbólico”.

significante, a letra desprovida de sentido: o texto dito ilegível, que produz efeitos de sentido – mas, não, o sentido –, como se espera da interpretação psicanalítica.¹⁵ Algo que bordejando o Real.

Sem propor uma quase dissolução da linguagem como o irlandês realizou em sua última obra, a escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol produz um texto que poderia ser incluído na lista daqueles que Barthes¹⁶ nomeou como textos de fruição, considerando que “o prazer é dizível, a fruição não o é”.¹⁷ Ela mesma sugere, numa certa aproximação, que existem “textos ortopédicos” e “não-ortopédicos” (...), quando diz:

“Surgiu-me esta impressão no depósito de um sonho. Texto ortopédico é feito de uma procura da língua, de uma voz, de uma ária, de que modo evitar ou corrigir um texto que não é tal qual um texto, mas uma simples descrição de um corpo visto do exterior. Texto não-ortopédico seria o que eu procuro compreender e não entendo – um sopro rápido que parte do há do dicionário, distorce as palavras e arranca as páginas, tornando sobrepostos os sentidos e a etimologia das palavras, que ficam sem apoio e não devem necessitar de outros andaimes”.¹⁸

O que parece causar Llansol não é a narrativa – embora não a exclua – e, sim, a tessitura, o seguir o fio do texto. Nessa direção, ela propõe a idéia de um “legente” em contraponto à de “leitor” (“leitor e legente estão um para o outro como o espesso para o que esvaece”¹⁹), que poderia ser articulado ao que Barthes nomeou de “escrevente”,²⁰ termo também utilizado pela portuguesa.²¹ A experiência do texto afeta o corpo, não se tratando, aqui, de uma escrita etérea, do privilégio das belas-letas ou mesmo do que busca inserir-se no que se entende por Literatura, como ela chega a afirmar: “Não há Literatura. Quando se escreve só

¹⁵ LACAN. RSI. Seminário inédito, p. 29.

“O efeito de sentido a se exigir do discurso analítico não é Imaginário, não é também Simbólico e preciso que seja Real. É tentar delimitar ao máximo o que pode ser o Real de um efeito de sentido (...)”. (aula em 11.02.1975).

¹⁶ BARTHES. O prazer do texto, p. 22.

“Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem”.

¹⁷ BARTHES. O prazer do texto, p. 21.

“Textos de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura”.

¹⁸ LLANSOL. Inquérito às quatro confidências, p. 130.

¹⁹ LLANSOL. Ardente texto Joshua, p. 146.

Ainda sobre o legente ela diz: “Se o leitor deve à narrativa, o legente ao texto nada deve”, p. 98.

²⁰ BARTHES. O prazer do texto, p. 9.

“Escrevendo seu texto, o escrevente adota uma linguagem de criança de peito: imperativa, automática, sem afeto (...) são os movimentos de uma sucção sem objeto, de uma oralidade indiferenciada, separada do que produz os prazeres da gastrosofia e da linguagem”.

²¹ LLANSOL. Ardente texto Joshua, p. 146.

“Escrevo, ‘pode acontecer’ e páro
vê bem, escrevente, enquanto corres
qualquer coisa de singular pode acontecer (...)”.

importa saber em que real se entra (...)”.²² Mais além da realidade da letra impressa, algo aponta para o que há de ilegível no real da letra.

Que o ser falante só possa ser constituído a partir da alienação aos significantes do Outro, a Psicanálise já o afirmou. Somos servos da linguagem, mais falados do que falantes.²³ Estes significantes, num tempo mítico, marcam o corpo que é desenhado em seus limites pelas palavras que veiculam o desejo do Outro. A língua deste desejo instala, circunscreve bordas nos orifícios corporais, no corpo agora tomado pela pulsão. Assim, desde logo, o texto marca o sujeito, produz uma escritura, rasura, sulco na superfície gozosa e gozável do *infans*, onde um sujeito poderá vir a ocorrer. Llansol, no fio do texto, retoma algo deste ato que remete à fundação do sujeito: “(...) *deve haver um lado (...) em que a língua é pujança a que meu corpo se possa unir; a esse pacto, a esse algo (...) chama texto, porque não se encontra na Literatura*”.²⁴

Não ser encontrado na Literatura advém de uma outra posição frente ao texto: “*escrever é o duplo de viver*”.²⁵ O texto não busca conformidade, não procura delimitar um sentido, antes busca “consignar um impacto”,²⁶ que talvez seja melhor aproximado no que Llansol denominou “cena fulgor”:

“identifiquei progressivamente nós construtivos do texto a que chamo figuras e que, na realidade, não são necessariamente pessoas, mas módulos, contornos, delineamentos (...). o que mais tarde chamei cenas fulgor. Na verdade, os contornos a que me referi envolvem um núcleo cintilante. O meu texto não avança por desenvolvimentos temáticos, nem por enredo, mas segue o fio que liga as diferentes cenas fulgor. Há assim unidade, mesmo se aparentemente não há lógica, porque eu não sei antecipadamente o que cada cena fulgor contém. O seu núcleo pode ser uma imagem, ou um pensamento, ou um sentimento inteiramente afectivo, um diálogo”.²⁷

Algo aqui parece dirigir-se ao que Joyce denominou epifanias,²⁸ pois ela também é atravessada por este significante :

“Onde o pensamento nada viu, o texto dobra, como se diz de um corpo (...) o texto é atraído pela epifania. Por isso, há momentos em que o legente pode parecer absorto, e o seu pensamento pensar que é estúpido, crédulo, pateta, como se dizia, mas onde o pensamento é, por vezes patético, o texto é contemplativo e livre, acontece-lhe, contudo, ser brutal”.²⁹

²² LLANSOL. *Um falcão no punho*, p. 55.

²³ LACAN. *O avesso da psicanálise*, p. 62.

“Quando digo emprego da linguagem não quero dizer que a empreguemos.
Nós é que somos seus empregados. A linguagem nos emprega (...)”.

²⁴ LLANSOL. *Ardente texto Joshua*, p. 116.

²⁵ LLANSOL. *Um falcão no punho*, p. 73.

²⁶ LLANSOL. *Inquérito às quatro confidências*, p. 143.

²⁷ LLANSOL. *Um falcão no punho*, p. 130.

²⁸ JOYCE. *Epifanias*, p. 112-119.

“(…) *uma manifestação súbita, quer na vulgaridade do discurso ou do gesto, ou em uma fase memorável da própria mente. Ele acreditava que cabia ao homem de letras registrar essas epifanias com um cuidado extremo, visto que elas são mesmo os momentos mais delicados e evanescentes*”.

²⁹ LLANSOL. *Ardente texto Joshua*, p.101.

Entre tantas questões a provocar os homens de letras – escritores & escreventes, leitores & legentes, analisantes & analistas –, o texto de Llansol parece deixar um resto de cintilação sobre a controversa – por vezes, mais obscurecida do que o necessário por seus comentadores – afirmação de Lacan: “*não existe relação sexual*”.³⁰ A inexistência da complementaridade entre os sexos, a impossibilidade de fazer, de dois, o um,³¹ é aliviada pelo que vem como suplência a essa impossibilidade: o amor. Não deixa de fazer questão o fato de Lacan falar das cartas de amor e acrescentar que “*todo amor se baseia numa certa relação entre dois saberes inconscientes*”,³² quando lembramos que não existe relação intersubjetiva.

Com Llansol, talvez fosse possível uma leitura a mais desta não-relação e da suplência amorosa. Uma leitura possível a partir de sua crença de que “*(...) a leitura é o acto sexual por excelência. Penetra, atravessa, transubstancia (...)*”,³³ não deixando de lembrar que “*(...) há apenas homens e mulheres, envoltos em imensos textos invisíveis*”.³⁴

Evidentemente essas articulações não pretendem atestar que a escritora intente ilustrar qualquer tese psicanalítica. Que o discurso do Outro (o inconsciente) e seu desejo produzam efeitos nos sujeitos e em seus corpos, trata-se de algo bem conhecido pelos analistas e analisantes. Suportar os equívocos, as falhas, a estranheza do texto que se produz na experiência da análise é algo que toca a carne do falante. Contudo, como lembra Lacan, “*não temos meio de saber se o inconsciente existe fora da Psicanálise*”³⁵ e os artistas não precisam acreditar nele para criarem. Deste modo, se escrever é o duplo de viver, o que se produz como escrito no texto literário, mesmo que possa dirigir-se, no limite, para uma ilegibilidade (*Finnegans wake*), ainda assim pode suportar, em sua realidade de letra, a impressão na superfície da folha de papel. Por sua vez, uma análise levada até certo ponto – para não falar, aqui, em final de análise – implica algo da escritura, do real da letra, da produção de uma letra que não se lê. Letra que cifra o gozo e altera sua economia. Este é um outro texto, o texto de nossa experiência.

“Colóquio de Psicanálise e Literatura”. VI Bienal Internacional do Livro. Fortaleza-CE. Set.2004.



³⁰ LACAN. *Mais, ainda*, p. 127.

“O não pára de não se escrever, em contraposição, é o impossível, tal como o defino pelo que ele não pode, em nenhum caso, escrever-se, e é por aí que designo o que é da relação sexual – a relação sexual não pára de não se escrever”.

³¹ LIBRO DE LA TORAH, 1989, p. 11.

“Portanto deixará o homem seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher, e serão uma única carne”.

³² LACAN. *Mais, ainda*, p. 107.

³³ LLANSOL. *Inquérito às quatro confidências*, p. 105.

³⁴ LLANSOL. *Ardente texto Joshua*, p. 45.

³⁵ LACAN. *Conferências nos EUA*.

Comentando que “*nada força o artista a admitir que tem um inconsciente*”, Lacan aponta certa “selvageria” freudiana na abordagem da *Gradiva* e acrescenta: “*explicar a arte pelo inconsciente me parece coisa das mais suspeitas*”, acrescentando que fazê-lo “*pelo sintoma me parece mais sério*”. p. 16 e 32. É provável um erro da desgravação ou edição, pois deveria constar *sinthoma* e, não, *sintoma*.

RESUMEN

A partir de la relación contingente entre la Psicoanálisis y la Literatura, el escrito procura articular la lectura del habla del analizante como texto y la textualidad de Maria Gabriela Llansol.

PALABRAS-CLAVE

escritura, letra, psicoanálisis, real

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. Jacob Ginsburg. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.
- COUTINHO, Denise. Literatura e Psicanálise: uma relação de contingência. Texto apresentado na Escola Letra Freudiana (RJ).
- FREUD, Sigmund. *O delírio e os sonhos na Gradiva de W Jensen*. Obras Completas. Trad. Luis L. Ballesteros. 3. ed. Madrid: Ed. Biblioteca Nueva, 1973.
- GODIN, Jean G. Notas acerca da leitura de um texto literário no discurso analítico. *Revista da Letra Freudiana*. Rio de Janeiro, n. 26, p. 93-100, 2000.
- JOYCE, James. Epifanias. *Revista da Letra Freudiana*, Rio de Janeiro, n. 13, p. 112-119, 1993.
- LACAN, Jacques. *Le sinthome*. Inédito. Versão da Association Freudienne.
- LACAN, Jacques. "De um discurso que não seria do semblante". Inédito. Centro de Estudos Freudianos do Recife, s/d.
- LACAN, Jacques. RSI. Seminário inédito. Edição s/d.
- LACAN, Jacques. *Homenagem a Marguerite Duras*. Outros Escritos. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, Jacques. *A coisa freudiana*. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, Jacques. *Conferências nos EUA*. Recife: Centro de Estudos Freudianos, 1995.
- LACAN, Jacques. *O avesso da psicanálise*. Trad. Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- LACAN, Jacques. *Os escritos técnicos de Freud*. Trad. Betty Milan. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
- LACAN, Jacques. *Mais, ainda*. Trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- LACAN, Jacques. *O eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise*. Trad. Marie C.L. Penot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- LIBRO DE LA TORAH*. Trad. Rabbi Meir M. Melamed. Jerusalém: Centro Educativo Sefaradi, 1989.
- LLANSOL, Maria Gabriela. *Ardente texto Joshua*. Lisboa: Relógio D'Água, 1998.
- LLANSOL, Maria Gabriela. *Um falcão no punho*. 2. ed. Lisboa: Relógio D'Água, 1998.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Inquérito às quatro confidências*. Lisboa: Relógio D'Água, 1996.

QUEIROZ, Nilza. O pacto analítico e seu desenlace. *Revista da Letra Freudiana*, Rio de Janeiro, n. 30/31, p. 221-228, 2003.